

SOBRE O MOVIMENTO DAS MULHERES NA FRANÇA

Em 1983, quando iniciei uma pesquisa sobre O Movimento de Liberação das Mulheres e seus efeitos sociais, eu dispunha de ótimos trunfos, já que era parte integrante desse Movimento há mais de doze anos. Tinha participado de suas ações, sua reflexão, seus debates; tinha trabalhado para situá-lo novamente na história do feminismo e na evolução da sociedade. Mas passar da participação ao estudo era mudar de posição. Era preciso transformar esse movimento em objeto de pesquisa, isto é, circunscrevê-lo e adotar em relação a ele o ponto de vista da análise crítica, eventualmente em detrimento da utilidade política. Era preciso reler os textos com uma nova distância, escutar os testemunhos, os relatos com espírito crítico, transformar afirmações básicas em hipóteses de trabalho.

Para falar a verdade, a ruptura não era tão importante, e o tempo transcorrido facilitava a tarefa. O espírito crítico e autocrítico fazia parte dos hábitos do Movimento, que se transformara ao longo dos anos, tendo a reflexão progressivamente precedido o choque da descoberta e a ação provocadora. O que era mais novo eram os meios materiais de que dispunha para empreender essa pesquisa de forma mais sistemática. Os estudos feministas, até então totalmente marginais, haviam conquistado um começo de legitimidade institucional com a organização, em dezembro de 1982, do Colóquio Nacional Mulheres, Feminismo e Pesquisa e o lançamento, pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), da linha de pesquisa Estudos sobre as Mulheres e Estudos Feministas¹.

Para estudar o Movimento das Mulheres, encontrava-me portanto numa dupla posição: a proximidade pelo conhecimento direto, íntimo, fonte insubstituível de informações; a distância resultante do tempo transcorrido, da

¹ PICQ, Françoise. *Le Mouvement de Libération des Femmes et ses Effets Sociaux*. Rapport de recherche ATP Recherches Féministes et Recherches sur les Femmes. Tome 1, 1987, 300 p.

avaliação refletida, mas também da vontade metodológica. Foi o que chamaram no Colóquio do GEF Crise da Sociedade, Feminismo e Mudança (na Sorbonne, em abril de 1988) um “olhar um pouco distante sobre nós e sobre o movimento”². Não é a exterioridade que é de praxe na instituição universitária; não é também a fidelidade aos conceitos feministas, mas uma atitude crítica e exigente que questiona estes conceitos de forma sistemática. Esta posição havia sido então criticada por Micheline Dumont, uma mulher do Quebec que assistia ao Colóquio: “Na França”, escrevia ela, “a sociedade desenvolveu anticorpos contra o feminismo e lamento que as pesquisadoras se limitem a examinar na lente de seu microscópio o bacilo do *feminismus primitivus*, em vez de examinar como reativar seus efeitos sobre um organismo bem imunizado... Esta metáfora traduz bem minha impressão persistente de que na França as pesquisadoras parecem separadas de sua base e se protegem em excesso de sua posição em face da instituição universitária. A pesquisa científica exige este distanciamento?”³.

É verdade que os estudos feministas na França estão sempre pagando o preço de seu “pecado original” por militar diante das instituições (Universidade, CNRS, Ministérios), mas creio que, se as pesquisadoras adotam este ponto de vista, não é para serem agradáveis à instituição, mas por escolha e finalmente por fidelidade a um compromisso que exige também espírito crítico. Acrescentarei que o questionamento sistemático dos pressupostos do Movimento é um excelente meio para fazer avançar a pesquisa, como mostrarão alguns exemplos a seguir.

O MLF são todas as mulheres

É uma afirmação que permitiu fundar a legitimidade política do Movimento fazendo das mulheres um grupo social, acima das diferenças de classe. O MLF não tinha que “falar em nome das mulheres”, mas se definia como a união de todas elas; isto é, aquelas que participam das reuniões, das manifestações do movimento, mas também aquelas que se reúnem entre vizinhas, que se revoltam em seu canto ou que ficam contra sua condição e mesmo aquelas que não têm consciência da opressão. Era preciso que este movimento fosse o de todas as mulheres, que ele recusasse qualquer divisão entre o pequeno núcleo inicial que assumia a luta e aquelas em nome de quem ela era feita, quando mais não fosse, por causa de um certo complexo de classe (as militantes que lutam em causa própria não estão traindo seu engajamento a serviço de outras causas?). Estratégia e igualitarismo concorriam para proibir a análise das particularidades das atuantes no movimento.

² Grupo de Estudos Feministas da Universidade Paris VII (GEF). Crises de la Société, Féminisme et Changement. *Revue d'en Face*, Editions Tierce, 1991.

³ DUMONT, Micheline. Un Regard Québécois sur le Féminisme Français. A Propos du Colloque de Paris Crise de la Société, Féminisme et Changement. *BIEF*, dezembro 1988.

Foram justamente estas particularidades que procuramos situar ao fazermos uma sondagem psicossociológica sobre "as atuantes" do Movimento (aquelas dos primórdios do MLF em Paris): origem social, mas também bagagem política, cultural, heranças e escolhas de vida. O que descobrimos colocava de novo em questão tanto o anátema esquerdista contra "as burguesas" quanto as imagens prontas difundidas pela imprensa: tradições familiares de engajamento social, imagens muito fortes de mães e avós excepcionais, famílias de mulheres e, além disso, características que distinguem as feministas do conjunto das mulheres da época. Principalmente em sua relação com a Universidade e a instituição matrimonial⁴.

80% das feministas que responderam à nossa sondagem têm curso universitário. Isso não é devido à sua origem social (um terço delas vem de meios sociais que utilizavam pouco a universidade)⁵. Não é o simples efeito da democratização e da feminização do ensino superior. Existe manifestadamente uma estratégia feminista na obtenção de um diploma e da autonomia pessoal que o acompanha, como mostra a comparação com suas irmãs.

Apesar de uma grande diferença de idade e de situação familiar e social, as feministas distinguem-se por sua atitude em relação ao casamento e à maternidade, já quando chegam no movimento, e esse fenômeno aumentará posteriormente. Poucas são as que se casam após 1970 e dois terços dos casamentos anteriores terminam em divórcio. Sua taxa de natalidade tem tudo para enlouquecer os populacionistas: 0,88 filho por mulher!, a metade deles tendo nascido fora do casamento (mas quase sempre de pais que moravam juntos). A idade do primeiro nascimento elevou-se entre elas bem mais cedo e muito mais do que nas outras mulheres. A homossexualidade é mais freqüente (1/4 na data da sondagem, numerosas experiências homossexuais durante os anos-movimento).

As opções das feministas, tanto em sua vida privada como em sua vida profissional, são coerentes com os discursos do MLF: elas indicam uma estratégia - consciente ou não - para evitar situações de dependência ou para retardar o momento de se fixar numa situação definitiva (recusa em se casar, rejeição ou atraso da maternidade, prolongamento dos estudos e direcionamento para profissões intelectuais, transformações dos investimentos militantes em atividades profissionais, preferência pelo setor público). A recusa inicial transforma-se quase sempre em adiamento, mas permitiu atenuar as normas contestadas e abrir o campo das possíveis. A família fragmentou-se numa grande variedade de modelos: celibato, homossexualidade, maternidade celibatária, família monoparental ou recomposta...

⁴ KANDEL, Liliane. Une Minorité Agissante. actrices et modèles. RINGART, Nadja. Quand ce n'Était qu'un Début... itinéraires de femmes à Paris. PICQ, Françoise. Stratégies de Sexe ou Destin de Classe, GEF. Op cit.,

⁵ Duas vezes mais filhas de operários entre as feministas entrevistadas do que havia na Universidade no início da década de 70 e principalmente muito mais filhas de artesãos e pequenos comerciantes. PICQ, Françoise. Op cit .

O mais interessante não é que isso distingue as feministas das outras mulheres, mesmo se os números são impressionantes; é que, na esteira das feministas, evoluções semelhantes ocorreram na sociedade. Verifica-se a queda do casamento na França a partir de 1972 (naquele ano, celebraram-se 416.000 casamentos e somente 334.000 em 1980, 265.000 em 1987). A coabitação desenvolve-se, a proporção de nascimentos fora do casamento eleva-se (6% em 1968, 20% em 1985, 30% hoje), a idade no primeiro nascimento também... Assim, escolhas de vida inicialmente marginais e provocadoras foram anunciadoras dessa evolução e as feministas foram uma espécie de modelo, de vanguarda cultural propondo novos modos de vida.

As origens sociais são diversas, mas pode-se ver o esboço da grande evolução sócio-econômica no itinerário intergeracional de uma parte delas. Vindas quase sempre das classes médias independentes, nenhuma faz parte delas; mas a maioria pode estar ligada às "classes médias assalariadas", esta categoria que, entre 1954 e 1981, passou de 9% a 23,1% na sociedade francesa. O que distingue estas duas categorias de classes médias - antiga e nova - é que o capital econômico necessário às primeiras é substituído, para as segundas, pelo capital cultural, e constatou-se a importância do diploma no itinerário das feministas. Deve-se notar também as mudanças nos modos de vida que surgem ao mesmo tempo. Como mostrou Nadine Lefaucheur, o "novo modelo familiar", com seu ideal de igualdade entre os sexos e de autonomia relativa entre eles, corresponde bem à situação das novas classes médias: trabalho das mulheres, indiferença em relação ao casamento (por causa da ausência de patrimônio), domínio da fecundidade que permite que as mulheres conciliem "carreira profissional e carreira procriadora", melhorando assim sua posição na relação entre sexos, tanto no plano conjugal quanto no social⁶.

Reforma e revolução

O Movimento de Liberação das Mulheres, na França como em outros lugares, retomou e prolongou as aspirações revolucionárias de maio de 1968, levando até as últimas conseqüências as exigências de democracia direta e de radicalidade: crítica do esquerdismo, dos dogmas revolucionários, da supremacia das vanguardas. A liberação das mulheres não pode ser concebida no âmbito do sistema que se quer destruir. Desconfia-se do reformismo, de melhorias parciais capazes de desmobilizar as militantes e de se fazer esquecer o objetivo final. Se certas questões são antecipadas, tais como o direito das mulheres de disporem de seus corpos, é apenas para denunciar o sistema, chamar a atenção para a opressão sobre as mulheres e suscitar a revolta. Reforma e revolução aparecem como dois termos antagônicos.

⁶ LEFAUCHEUR, Nadine. De la Diffusion (et) des Nouveaux Modèles Familiaux. *Recherches Économiques et Sociales* 2, 1982.

Ao nos colocarmos do outro lado, no ponto de chegada, constatamos, ao contrário, a importância das reformas obtidas pela luta das mulheres. Reformas legislativas e mudanças nos modos de vida. O novo modelo familiar que se impôs, com o trabalho das mulheres, o domínio da fecundidade e a maior flexibilidade da instituição matrimonial, mudaram profundamente o *status* das mulheres, sua imagem social, seu sentimento de identidade. O patriarcado não foi abolido, mas provou sua capacidade de transformar-se segundo as necessidades do tempo, a tal ponto que a denúncia feminista, mesmo tendo se tornado mais modesta, não pode mais deixar de ser ouvida.

A ação do Movimento de Liberação das Mulheres chegou a um resultado paradoxal. Protegido pela revolução, ele ajudou na modernização da sociedade, na adaptação das relações entre os sexos em um novo nível de equilíbrio e, por conseguinte, na sua estabilização. Através de sua crítica radical dos dogmas revolucionários, de sua denúncia do totalitarismo, ajudou na desconstrução da utopia, na superação da idéia de revolução.

Erro de análise e de estratégia? Ilusões quanto à força da idéia revolucionária? Mal entendimento das aspirações profundas das mulheres? O MLF tomou o caminho errado? Desta experiência exaltante e decepcionante, retiro uma análise bem diferente. Foi porque o MLF se mobilizou em torno de um projeto radical, excessivo, absoluto, que ele obteve tais resultados. A reforma não é a antítese, mas a resultante da revolução⁷. De qualquer forma é o caso na França, onde, como dizia o próprio De Gaulle, só se faz reforma no rastro de uma revolução.

O MLF, exceção francesa ou modelo?

Versão francesa de uma corrente internacional, o Movimento de Liberação das Mulheres trouxe para essa corrente a ênfase comum à nossa vida política. Encontrou seu estilo na herança revolucionária: gosto pelo espetacular e o enfático, radicalidade das exigências, fobia pelo reformismo e pelo compromisso. Esta radicalidade foi no início muito eficiente para desestabilizar os antigos equilíbrios: mas o reverso foi a inaptidão ao compromisso e à negociação. Quando o contexto social mudou, o MLF foi incapaz de se adaptar, de sair da exigência do "tudo ou nada", de colocar balizamentos sólidos para um próximo movimento. Foi incapaz também de definir um lugar na alternância política da década de 80.

Em outros lugares, também, o movimento feminista conheceu um refluxo, após o dinamismo dos anos 70, mas a reação teve maior ou menor amplitude e violência. A transição entre a utopia revolucionária e o reformismo ocorre mais facilmente quando os modos de relação entre o Estado e a sociedade civil estão abertos: capacidade do sistema político de levar em consideração as exigências feministas, capacidade dos movimentos sociais

⁷ PICQ, Françoise. *Libération des Femmes. Les années-mouvement*. Paris: Seuil, 1993.

de entrar em um processo de negociação, de encontrar nos sindicatos ou nos partidos de esquerda novos meios de ação.

Outro problema característico do modelo francês, no qual o MLF caiu com violência extraordinária, foi a paixão da unidade que acaba na eclosão de conflitos. Na França, só houve um Movimento de Liberação das Mulheres; o MLF, onde se confrontavam os pontos de vista que em outros lugares se expressavam em grupos distintos (feminismo radical ou socialista, feminismo universalista ou valorização da diferença, lésbicas ou heterossexuais). O debate permanente entre estes pontos de vista indissociáveis e contraditórios fez a riqueza do MLF, antes de arrastá-lo num turbilhão infernal de rupturas e traições. A unidade talvez não passe da face brilhante do centralismo, da vontade de fazer triunfar uma verdade única. O desejo de fusão conduz paradoxalmente à intolerância e à exclusão. O MLF explodiu em tendências que buscavam impor seu ponto de vista como o único certo. O Movimento havia recusado qualquer forma de organização a fim de permitir que a espontaneidade se expressasse sem limites, acreditando-se protegido dos males do poder que reputava ligado às formas masculinas de organização. Mas quando prevaleceram as contradições, quando algumas traíram as regras comuns, não havia mais meio de se proteger delas. Foi assim que o MLF se tornou a propriedade privada de um grupo.

O movimento francês foi provavelmente o mais explosivo de todos, tanto em sua criatividade quanto em sua destruição. Ele não soube acompanhar o reformismo e foi marginalizado por uma sociedade que se adaptara digerindo a contestação. É o destino das minorias atuantes que oferecem perspectivas e modelos, que forçam a passagem quando a situação é favorável, mas que só têm impacto na medida em que seu discurso traduz - mesmo no excesso - aspirações amplamente compartilhadas. Quando o apoio do maior número (satisfeito pelas reformas ou desmobilizado diante do tamanho do combate) desaparece, as minorias atuantes perdem toda influência. Chega então o tempo da reação, com modalidades próprias a cada cultura. O antifeminismo francês não se parece com o dos Estados Unidos. Ele não procura tanto recolocar em questão os ganhos, mas critica preferencialmente a imagem das feministas. Denegradas, ridicularizadas, elas são tratadas como puritanas, acusadas de pôr em perigo a arte de viver entre os sexos que faz a riqueza da sociedade francesa.